



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

WAGNER ALVES CABRAL

**A EVOLUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO CONCEITO DE ESPAÇO
GEOGRÁFICO NO PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E AS CONTRIBUIÇÕES
À GEOGRAFIA BRASILEIRA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

WAGNER ALVES CABRAL

**A EVOLUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO CONCEITO DE ESPAÇO
GEOGRÁFICO NO PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E AS CONTRIBUIÇÕES
À GEOGRAFIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação/Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C117e Cabral, Wagner Alves.

A evolução teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e as contribuições à geografia brasileira [manuscrito] / Wagner Alves Cabral. - 2021.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti , Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Espaço geográfico. 2. Epistemologia da geografia. 3. Geografia brasileira. I. Título

21. ed. CDD 910

WAGNER ALVES CABRAL

A EVOLUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO CONCEITO DE ESPAÇO
GEOGRÁFICO NO PENSAMENTO DE MILTON SANTOS E AS CONTRIBUIÇÕES À
GEOGRAFIA BRASILEIRA

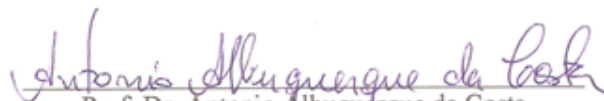
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a/ao Coordenação/Departamento de Geografia
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 31/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais, os melhores professores
que a vida pode me dá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Agradeço a toda a minha família em especial aos meus pais Vanderlei e Andreza por tudo que me deram, e por sempre acreditarem no poder da educação, e que por meio de palavras e ações contribuem para minha formação como pessoa. Agradeço a minha irmã Maria Clara, a minha querida vó Josefa (dona nefa) e minha Tia Vitória Cabral por sempre estarem ao meu lado.

À todos os professores da educação básica do município de Caturité-PB, aqueles que contribuíram para minha formação desde dos primeiros passos até o ensino médio em especial a Maria do Socorro Nunes da Cruz (Dona Chiquinha – *In memoriam*), também a todos os professores de Geografia que estiveram ao meu lado nessa caminhada, em especial a Rildo de Sousa e Erica Vidal por todas as oportunidades que me deram.

À Universidade Estadual da Paraíba e todo o corpo de professores do Departamento de Geografia, em especial João Damasceno um grande amigo que pude encontrar nessa vida, junto com Arthur Valverde, Antônio Albuquerque, Josandra Melo, Suellen Pereira, Valéria Raquel, Hermes Almeida, Rafael Xavier, Joana d'arc, e Lédiam Rodrigues.

À orientação da Professora Maria Marta dos Santos Buriti, por todas as aulas ministradas e por todas as conversas e orientações, sempre de forma calma, serena e competente, a qual sempre estive disposta para compartilhar e me guiar no trajeto acadêmico, sou grato por tudo.

Ao grupo de estudos Geointegrados, em nome das professoras Marta Buriti, Nathália Moraes e Sâmara Santos, à todos os colegas que fazem parte das nossas conversas agradáveis sobre os temários geográficos.

Aos meus grandes amigos e amigas em especial a Rayanne de Almeida Farias pelo companheirismo e grande amizade construída ao longo da graduação e agora para a vida. Agradeço aos amigos Jardiel Lucas, Ramon Marinho, Gabriel Madureira, Nathan Cordeiro, Graziella Barbosa, Joyce Pontes, Mikaela Pessoa, Yasmim Guimarães, Maiara Souza, Keine (Penélope) Dona Wilza e Kaline Oliveira. Agradeço aos meus amigos de infância que sempre estiveram comigo, Pedro Matheus, João Marcos, Yuri Gervásio, Luis Augusto, Danrlei Verríssimo, Igor Rafael e Mikael José.

Estude, e não esmoreça
Pois traz erguida a cabeça
Quem sempre cumpre o dever
A vida, é luta e batalha
E nela, só quem trabalha
Merece, e deve vencer
(Rossandro Klingey)

Eu sou apenas um rapaz latino americano
(Belchior)

RESUMO

Debruçar-se sobre a teoria miltoniana é um exercício analítico que permite ir além de uma abordagem restrita construída em torno de um conjunto de ideias indexado a uma realidade socioespacial específica. Revisitar o pensamento de Milton Santos é, por um lado, reconhecer o quão este permanece atual no âmbito da contextualização geográfica dos fenômenos e, por outro, o quão colaborativo tende a ser na construção das novas explicações teórico-conceituais e metodológicas que vão fomentar os novos momentos no movimento do pensamento geográfico. Concordando com esse entendimento, o objetivo que norteia a realização deste trabalho procura dá conta de compreender a evolução teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e as suas contribuições para a Geografia brasileira. Dessa forma, a pesquisa, que é de natureza teórica, construída em torno da análise de obras deste autor de renome na Geografia brasileira, as quais consideramos cruciais no âmbito da temática evidenciada, são elas: *Por Uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e Método* (1985), *Metamorfozes do Espaço Habitado* (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996). A escolha destas obras se deu pela possibilidade de, através delas, analisar a proposta conceitual de espaço geográfico elaborada por Milton Santos, bem como a trajetória evolutiva deste conceito no pensamento do autor mediante os rumos da sociedade capitalista, de sua espacialidade e de sua reflexão geográfica. As discussões presentes no escrito surgem, portanto, sob o pressuposto basilar de buscar, ainda que de forma modesta, oxigenar o debate teórico-conceitual e metodológico na Geografia, o que julgamos importante face a constatação de que a teoria, embora produto subjugado à realidade empírica, é fundamento inicial para compreender esta mesma realidade.

Palavras-Chave: Espaço Geográfico. Epistemologia da Geografia, Milton Santos.

ABSTRACT

Looking at the Miltonian theory is an analytical exercise that allows us to go beyond a restricted approach built around a set of ideas indexed to a specific socio-spatial reality. To revisit Milton Santos' thinking is, on the one hand, to recognize how current it remains in the context of the geographic contextualization of phenomena and, on the other hand, how collaborative it tends to be in the construction of new theoretical-conceptual and methodological explanations that will foster new moments of the movement of geographic thought. Corroborating this understanding, the objective that guides the realization of this work seeks to understand the theoretical and methodological evolution of the concept of geographical space in Milton Santos' thought and his contributions to Brazilian Geography. Thus, the research, which is of a theoretical nature, has as main methodological reference the bibliographic research built around the analysis of the main Works of this renowned author in Brazilian Geography, namely: *For a New Geography* (1978), *Space and method* (1985), *Metamorphoses of inhabited space* (1988) and *The Nature of Space* (1996). The choice of these Works was due to the possibility of, through them, analyzing the evolutionary trajectory of the concept of space and how this concept was being pre-shaped in the course of capitalist society and its spatiality. The discussions present in the writing appear, therefore, under the basic assumption of seeking, albeit in a modest way, to oxygenate the theoretical-conceptual and methodological debate in Geography, which we consider important in view of the finding that the theory, although a product subjugated to reality empirical, it is an initial foundation to understand this same reality.

Keywords: Geographic Space, Epistemology of Geography, Milton Santos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	NOTAS SOBRE A GEOGRAFIA E O ESPAÇO NO MOVIMENTO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.....	11
2.1	A trajetória da ciência geográfica e o espaço.....	13
3	A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PARA MILTON SANTOS.....	20
3.1	O contexto histórico-geográfico do pensamento de Milton Santos.....	20
3.2	Por uma Geografia do espaço	22
4	MATERIAL E MÉTODO.....	31
4.1	Classificação temporal das obras analisadas.....	33
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Estudar o pensamento geográfico é uma tarefa árdua que exige disciplina e consistência por parte dos geógrafos que assumem esse compromisso analítico. Nesse campo de estudo encontram-se discussões teóricas, filosóficas, epistemológicas e metodológicas diferentes que a cada período histórico endossaram e endossam as perspectivas de Geografia e a delimitação do seu objeto de estudo. Ao analisarmos a produção científica da Geografia brasileira, é notório a prevalência dos estudos de natureza empírica, isto é, que tomam a realidade prática como objeto de investigação. As reflexões de natureza epistemológica e teórico-conceitual aparecem em quantidade menos expressiva, sobretudo no âmbito da produção científica a nível de graduação.

A realidade prática se transforma constantemente e enquanto se molda é reconfigurada por novos processos e dinâmicas, o que emana a necessidade de renovadas explicações teóricas. Neste contexto, tão importante como explicar os novos fenômenos é refletir acerca da construção de tais explicações, ou seja, dos pressupostos teórico-conceituais e metodológicos que servem de base para a análise da realidade e que são, por esta mesma realidade, reconstruídos.

Com este entendimento, neste trabalho almejamos compreender a evolução teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e as suas contribuições à Geografia brasileira. Nesta direção, o questionamento que consubstanciou o nosso problema de pesquisa, diz respeito a seguinte questão: de que forma se deu a estruturação teórico-metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e como esta contribuiu para o fortalecimento/renovação da Geografia brasileira?

Para compreender tal questão, além do nosso objetivo central, estabelecemos os objetivos específicos, os quais consistem em: situar a noção-conceito de espaço na trajetória histórica-evolutiva da ciência geográfica; apresentar o conceito de espaço geográfico na obra de Milton Santos; discutir as bases teórico-metodológicas do conceito de espaço geográfico em cada etapa reflexiva do pensamento de Milton Santos; e, analisar as contribuições do pensamento de Milton Santos para a Geografia brasileira.

Como meio para alcançar os objetivos traçados o presente estudo, que é de natureza teórica, foi conduzido metodologicamente com base na realização da pesquisa bibliográfica. No curso da pesquisa bibliográfica, foram selecionadas as obras de Milton Santos, nas quais o espaço comparece como questão central ou como parte crucial da temática discutida. Desta forma as obras selecionadas, foram: *Por Uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e Método* (1985),

Metamorfoses do Espaço Habitado (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996). Nestas obras buscamos analisar a construção teórica do conceito de espaço geográfico, apresentando, assim, o processo de evolução e de mudança de algumas concepções construídas por Milton Santos no tocante a este conceito.

Justificamos a relevância desse trabalho a partir da compreensão de que se trata de uma contribuição para o debate teórico da Geografia, que visa não somente discutir, de forma restrita, os fundamentos do espaço para Milton Santos no contexto espaço-temporal de sua reflexão, mas, também, como um arcabouço teórico importante que lega a Geografia brasileira bases para a construção de novas explicações para uma realidade que se transforma de modo cada vez mais célere, exigindo da Geografia novas abordagens, reflexões e explicações.

Em síntese, podemos dizer que um dos maiores legados deixados pela obra de Milton Santos é a concepção da Teoria geográfica como fundamento de uma realidade socioespacial produto da relação espaço-tempo, na qual o espaço geográfico comparece como possibilidade analítica que remete a uma totalidade conjugada pela indissociabilidade de ações e objetos (materialidade e movimento), mas também a uma parte desta totalidade.

Assim, as contribuições deixadas por este Geógrafo foram fundamentais para a consolidação de um novo momento do pensamento geográfico na Geografia brasileira, que passa a ter o espaço, sobretudo a partir da década de 1970, como uma referência analítica que vai do objeto em si da Geografia, a condição de uma categoria de análise que comporta a reflexão acerca da totalidade dos fenômenos geográficos e, ao mesmo tempo, de suas partes constituintes. Dessa forma, é pertinente dizer que a partir do pensamento de Milton Santos conseguimos extrair ferramentas teórico-metodológicas para analisar criticamente o mundo que nos cerca tendo como base o espaço e suas mais diversas dinâmicas, compreendidas no âmbito de um movimento dialético que é ora possibilidade, ora contrariedade.

O texto encontra-se organizado, além desta introdução, em duas seções teóricas principais intituladas *Notas sobre a Geografia e o espaço no movimento do pensamento geográfico* e *Concepção de espaço para Milton Santos*; uma seção dedicada a descrição metodológica; uma seção constituída pelos resultados; e, por fim, nossas considerações finais.

2 NOTAS SOBRE GEOGRAFIA E ESPAÇO NO MOVIMENTO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Nessa primeira secção apresentamos, de forma sintética, elementos e momentos do movimento do pensamento geográfico que nos auxiliam a compreender a Geografia e o espaço. Para isso, partimos de uma questão clássica e recorrente, tanto no âmbito do senso comum como da própria ciência geográfica, que, como veremos mais adiante em certos momentos foi alvo de críticas nos escritos de Milton Santos. Afinal, o que é Geografia? Por mais que pareça simples e possamos nos sentir tentados a estabelecer de imediato uma explicação para esta indagação tão incômoda aos geógrafos, não podemos desconsiderar que a questão não é tão simples, pois remete a uma complexidade que tem feito parte do debate paradigmático na Geográfica desde a sua institucionalização.

O saber geográfico está presente na história da humanidade desde os seus primórdios, sendo, portanto, algo existente muito antes da institucionalização da ciência geográfica, no século XIX. Ao analisar esse saber geográfico primário construído no seio das vivências e experiências da humanidade no espaço ao longo da história, Andrade (2008, p. 18) pontua que era uma “Geografia”:

[...] utilizada apenas para desenhar roteiros, para indicar os recursos a serem explorados, para analisar as relações meteorológicas etc., estando profundamente identificada com a Cartografia e com a Astronomia. Assim, os grandes geógrafos eram sobretudo cartógrafos e/ou astrônomos.

Desta forma, mesmo antes de ser institucionalizada como ciência, a Geografia já era algo presente na vida do ser humano através das práticas, ações e comportamentos estabelecidos no espaço a partir da interação e intervenção na natureza. Ao longo do processo histórico evolutivo o ser humano, através do desenvolvimento dos seus sistemas técnicos, foi redefinindo suas relações com a natureza e, conseqüentemente, fazendo com esse saber geográfico fosse se organizando cada vez mais na busca pelas explicações de tais interações. Foi nesta marcha que no final do século XIX, ocorre a sistematização do conhecimento geográfico e a institucionalização da Geografia como ciência.

Com o avanço das técnicas os seres humanos puderam desenvolver relações mais complexas entre si e com o meio ao seu redor. Dessa forma, o conhecimento geográfico se torna um aliado para o desenvolvimento de ações mais complexas sob o espaço geográfico, no qual a sociedade atua estabelecendo as relações e ações que servem aos seus interesses.

Neste contexto, retomando a nossa questão inicial, temos a primeira definição sistematizada de Geografia, a qual segundo Andrade (2008, p. 20) expusera a Geografia “como

a ciência que faz a descrição da superfície terrestre, como se a simples descrição constituísse uma atividade científica”. Temos então, inicialmente, a prevalência de uma Geografia meramente descritiva, cujo objetivo principal estava ancorado sob o propósito de identificar os aspectos de uma área de interesse.

Avançando na consolidação de suas bases teóricas e metodológicas entre o final do século XIX e começo do século XX, a Geografia passa a ser vista como “ciência que estuda a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos pela superfície da Terra” (ANDRADE, 2008, p. 21). Esta concepção de Geografia elaborada por Emanuel de Martonne, foi vista como uma grande evolução, pois agora a Geografia, além da descrição, teria como foco a distribuição espacial desses fenômenos, o que embora não garantisse a explicação de tais processos de distribuição, ainda sim era favorável ao desenvolvimento de análises relacionais capazes de estabelecer algum tipo de conexão entre fenômenos e áreas distintas.

Andrade (2008, p. 22) apresenta ainda uma terceira concepção de Geografia, em que esta ciência comparece como sendo aquela “[...] que estuda as relações entre sociedade e natureza, ou melhor, a forma como a sociedade se organiza no espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza”. Essa terceira definição trata-se da mais difundida e bem aceita por parte dos geógrafos, inclusive aqueles que transitam pelas correntes mais recentes.

Observando estas definições fica claro que a Geografia é, antes de tudo, uma ciência em reconstrução constante, pois a dinâmica do seu objeto é mutável. É preciso entender que o conhecimento científico, em si, já faz parte de um movimento marcado pelas redefinições de conceitos, paradigmas e teorias. No caso do conhecimento geográfico, essa redefinição é algo que vai além da renovação em si da teoria. A redefinição da Geografia é, em síntese, uma resposta imediata a redefinição da relação sociedade-natureza e da sua espacialização.

Sob a concepção de que a Geografia compreende o estudo das relações sociedade-natureza, Moraes (2007) pontua que a especialidade desta ciência estaria no fato de buscar explicar o relacionamento entre os dois domínios da realidade, o social e o natural. O fato é que, as concepções de Geografia continuam sendo matéria de debates e isso não é um sinal de inconstância epistemológica desta ciência, mas a evidência de um conhecimento que está se transformando em um ritmo cada vez mais acelerado ditado pelo movimento da própria sociedade que redefine constantemente as formas de transformação da natureza e, conseqüentemente, de produção, organização e transformação do espaço geográfico.

No que se refere à evolução teórico-metodológica da Geografia, no curso do pensamento geográfico, esta foi influenciada por diversas realidades históricas, as quais a Geografia foi

sendo convocada a pensar. Neste sentido, podemos dizer que ao longo da evolução do pensamento geográfico a construção da Geografia desdobrou-se em diferentes correntes em um movimento evolutivo caracterizado pelo ajuste das bases teórico-metodológicas-epistemológicas às transformações que atingiram a realidade de cada época. Mesmo transitando em muitas destas correntes de forma marginal, o espaço não ficou de fora dessas mudanças paradigmáticas na Geografia e absorveu também modificações ao longo das diversas correntes geográficas, onde observa-se que em algumas delas foi elemento de pouca relevância e em outro foi objeto central de análise.

2.1 A trajetória da ciência geográfica e o espaço

Como já pontuado antes, a Geografia foi reconhecida como área autônoma do conhecimento durante o século XIX, com as contribuições de estudiosos prussianos ligados a aristocracia, a exemplo de Alexander Von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859) e Friedrich Ratzel (1884-1904), esse último de família modesta. Estes autores são considerados os “pais” da Geografia moderna e isso se deve ao fato de seus estudos terem sido basilares na constituição da ciência geográfica.

É ao longo do século XIX que as condições históricas edificadas tornaram-se pressupostos para a sistematização do conhecimento geográfico. Segundo Moraes (2007, p. 51) “estes pressupostos históricos da sistematização geográfica objetivam-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção”. A Geografia se fortalece no anseio expansionista de conhecer melhor e avançar sobre os territórios, isto é, de dispor de informações para melhor organizá-los e usufruí-los economicamente. Dessa forma, a trajetória da ciência geográfica parte, sobremaneira, dos interesses dos atores hegemônicos da época.

Segundo Andrade (2008, p. 102):

Os geógrafos clássicos, vivendo a fase de desenvolvimento do capitalismo industrial e da necessidade de um conhecimento aprofundado sobre o espaço produtivo, fizeram estudos corológicos, procurando desenvolver uma análise de porções mais ou menos restritas da superfície do planeta.

Alguns pressupostos desse contexto teórico-metodológico da Geografia são apresentados por Moraes (2007), que identifica esta ciência neste período como um campo do conhecimento associado a compreensão da extensão real do planeta e fundamentado sobre um repositório de informações acerca de variados lugares da Terra. Ainda na perspectiva do autor, tais finalidades amparavam-se sobre a pretensão geográfica de aprimoramento das técnicas cartográficas como instrumentos, por excelência, do geógrafo que serviam ao objetivo de

conhecer as mais diversas localidades para facilitar a conexão econômica, e o avanço e domínio das relações do sistema capitalista da época.

Partindo das contribuições de Ritter, teórico fundamental à institucionalização da ciência geográfica, podemos perceber que a Geografia é produto de grandes mudanças que repercutem sobre o modo de pensar geograficamente. Moreira (2008), analisando as contribuições deste teórico para a Geografia assevera que Ritter tomou como princípio a corografia, isto é, um método descritivo que estabelece sob a Geografia o escopo de uma ciência baseada na comparação de áreas. Ritter apresenta uma proposta de abordagem dedicada aos arranjos individuais de cada localidade comparando-as em pares, de modo a chegar em um ponto único que permitisse uma análise geral do mundo. Desse modo, este teórico estabelece o conceito de sistema natural que, segundo Moraes (2007, p. 63), tratava-se de:

Uma área delimitada dotada de uma individualidade. A Geografia deveria estudar esses arranjos individuais e compará-los. Cada arranjo abarcaria um conjunto de elementos, representando uma totalidade, onde o homem seria o principal elemento. Assim, a Geografia de Ritter é, principalmente, um estudo dos lugares, uma busca da individualidade destes.

Com esse aspecto, a contribuição de Ritter é, potencialmente, metodológica. Os resultados dos seus esforços na consolidação do conhecimento geográfico foram estudos taxonômicos ancorados na observação e descrição das paisagens. Tais estudos traziam como resultado um “mapa de individualidades”, que através do que Ritter trouxe como método comparativo, formaria uma teoria.

Nesta leva de contribuições que servem de base a Geografia que se institucionaliza no século XIX, há de se destacar a figura do naturalista Alexander Von Humboldt (1769-1859), para quem a Geografia seria uma ciência de síntese de todos os conhecimentos. Claval (2006) afirma que Humboldt “procurava buscar uma relação entre os objetos observados e a razão, propondo a ideia de que tudo que é apreciável deve ser pensado e construído pelo sujeito” (CLAVAL, 2006, p. 66). Já Moraes (2007) pontua que, para Humboldt, “caberia ao estudo geográfico reconhecer a unidade na imensa variedade dos fenômenos, descobrir pelo livre exercício do pensamento e combinando as observações, a constância dos fenômenos em meio às suas variações aparentes” (MORAES, 2007, p. 63).

Desta maneira, na leitura de Claval (2006), Humboldt tem como diferencial o estudo *in loco*, ou seja, a observância em campo para fazer suas constatações, o que o torna diferente da maioria dos geógrafos do seu tempo que, de forma geral, se mantiveram reservados em seus gabinetes. Na imersão no campo de abordagem, Humboldt pôde colher ricas informações e observações, por todos os continentes, das quais merecem destaque as observações e estudos

sobre a América do Sul. Humboldt entendia a Geografia como ciência do cosmo, cujo objeto de estudo seria: “a contemplação da universalidade das coisas, de tudo que coexiste no espaço concernente a substâncias forças, da simultaneidade dos seres materiais que coexistem na Terra” (MORAES, 2007, p. 62). Portanto, caberia ao geógrafo contemplar as paisagens, classificando-as e catalogando-as, seria então a Geografia uma ciência sintética.

Outro personagem fundamental na consolidação da ciência geográfica foi, notadamente, Friedrich Ratzel (1844-1904), que apresenta sua grande contribuição com a obra *Antropogeografia – Fundamentos da Aplicação da Geografia à História*, de 1882, a qual é considerada por muitos estudiosos como pressuposto central para a fundação da Geografia Humana. Um aspecto que influenciou sua obra foi a vivência com os fatos do processo de unificação da Alemanha. Conforme Moraes (2007, p. 67) “enquanto Humboldt e Ritter vivenciaram o aparecimento do ideal da unificação alemã, Ratzel está presente na constituição real do Estado nacional alemão e suas primeiras décadas”. Tal fato pode ser entendido como basilar na influência da construção da obra de Ratzel.

Em termos de método consideramos que Ratzel não tenha avançado tanto em relação ao que já era posto na época, mas, com relação as suas contribuições práticas e políticas há de se destacar toda sua relevância. Nas palavras de Moraes (2007, p. 67) “a Geografia em Ratzel foi um instrumento de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém constituído”. Assim, Ratzel considerava como objeto geográfico o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Para ele, as ações e organizações humanas dependiam da disponibilidade dos recursos naturais presentes em seus territórios.

Com esse pensamento, Ratzel dá destaque ao conceito de território e de espaço vital. Segundo Moraes (2007, p. 70), “para Ratzel, o território representa as condições de trabalho e a existência de uma sociedade”. Deste ponto de vista, era no território que a sociedade se organizava e gerenciava seus recursos, se dinamizando enquanto organização social na medida em que ampliava o seu território. No que se refere ao conceito de espaço vital, este “representaria uma proporção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo, portanto, suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais” (MORAES, 2007, p. 70).

Além da escola alemã destacada aqui através das ideias destes autores que endossaram a corrente determinista, isto é, a perspectiva de uma Geografia arraigada sobre relações homem-meio consubstanciadas pela forma como este último determinava o primeiro, sucede-se na evolução do pensamento geográfico as ideias construídas no seio da escola francesa. Segundo

Moraes (2007, p. 75), a escola francesa é a “que se opõe às colocações de Ratzel, vai ser eminentemente francesa e tem seu principal formulador em Paul Vidal de La Blache”.

Vidal de La Blache, com sua formação em história, apresentou grande preocupação com a distribuição desigual da população sobre a superfície terrestre. Segundo Andrade (2008, p. 110),

[La Blache] Preocupou-se então com o estudo das relações entre o homem e o meio físico, passando a admitir que o meio exercia alguma influência sobre o homem, mas que este, dependendo das condições técnicas e do capital de que dispunha, poderia exercer influência sobre o meio.

Tal preocupação culminou no surgimento da corrente possibilista. Para Moraes (2007, p. 78) “a Geografia de La Blache só era compreensível em relação à conjuntura da terceira república, ao antagonismo com a Alemanha e à particularidade do desenvolvimento histórico da França”. La Blache não rompeu totalmente com a visão naturalista, apesar de sua formação como filósofo e historiador, mas teceu críticas as ideias de Ratzel, sendo uma delas referente ao discurso politizado deste teórico (MORAES, 2007; ANDRADE, 2008). Além disso, conforme apontado por Moraes (2007), La Blache também criticou a secundarização do elemento humano na teoria de Ratzel e a concepção fatalista e mecânica atribuída a compreensão da relação homem-meio

Em se tratando do objeto de estudo geográfico, La Blache definiu este como sendo “a relação entre homem e natureza na perspectiva da paisagem [...] colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o”. (MORAES, 2007, p. 81). Neste contexto, a Geografia amparou-se sobre a forte influência do método positivista, o qual remeteu uma visão mais histórico e naturalista na abordagem geográfica.

Referindo-se ao positivismo, Suertegaray (2005, p. 15) assevera:

Constitui o método Positivo, um método histórico, genético indutivo, ou seja, parte da observação, induz leis de coexistência e de sucessão e deduz fatos novos que escapam à observação direta. Trata-se de um método que privilegia o processo de indução, que parte da observação dos fenômenos através dos sentidos para deduzir teorias. São palavras fundamentais e expressivas para a compreensão do método Positivo: experiência, observação, comparação, analogia, indução, dedução, filiação histórica.

A maioria dos estudos geográficos desse período eram caracterizados por esse método, estudos estes que, de modo geral, buscavam a descrição dos diversos locais visitados com o objetivo de catalogar e descobrir as possibilidades de expansão para as grandes potências até então hegemônicas. Neste período, era necessário criar condições favoráveis para a expansão

do comércio, e a melhor forma de fazer isso foi através das excursões que viabilizavam conhecer novos lugares e as principais características físico-naturais do local, o que favorecia a busca por novas possibilidades para o desenvolvimento do comércio.

Avançando na trajetória do pensamento geográfico temos, a emergência do Método Regional. Se apresentando com grande força ao longo do século XIX, o Método Regional surge no seio da corrente historicista em oposição ao possibilismo e ao determinismo ambiental. Dessa forma, entende-se que o movimento historicista se apresentou como uma crítica ao modelo epistemológico do positivismo que buscava leis gerais para explicar as sociedades humanas.

No Método Regional, segundo Corrêa (2007, p. 14), “a diferenciação de áreas não é vista a partir das relações entre o homem e a natureza, mas sim da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície da Terra”. O Método Regional não foi muito valorizado de início, pois os debates se concentravam entre uma disputa das correntes deterministas e possibilistas. Entende-se que a partir dos anos 1940 essa corrente ganha força nos Estados Unidos, principalmente com Richard Hartshorne. Ainda em conformidade com Corrêa (2007, p. 14):

O método regional tem merecido a atenção de geógrafos desde pelo menos o século XVII, com Varenius. O filósofo Kant e o geógrafo Carl Ritter, respectivamente no final do século XVIII e na primeira metade do XIX, ampliaram as bases dos estudos de área. No final do século passado, Richthofen estabeleceu o conceito de corologia (integração de fenômenos heterogêneos sobre uma dada área), desenvolvido mais tarde por Alfred Hettner.

De maneira geral, o Método Regional buscou a produção de um conhecimento sobre as diferenças existentes nas diversas áreas do planeta. Preocupou-se com as diferentes formas como os fenômenos ocorriam nas diferentes partes da superfície terrestre.

No curso do processo de renovação da Geografia, ganha força na década de 1950 a Geografia Quantitativa, que emerge trazendo como uma de suas marcas centrais a utilização de novas técnicas e métodos para a análise geográfica. Um dos principais substratos da Geografia Quantitativa foi a crítica a forma como a Geografia Tradicional construía seus estudos, a partir da observação dos fenômenos. De acordo com essa corrente de pensamento os estudos geográficos poderiam ser expressos através do uso de modelos matemáticos (que estavam assentados no avanço da estatística e das técnicas computacionais). Segundo Moraes (2007, p.110) os estudos geográficos passam “da descrição, apoiada na observação de campo, para as correlações expressas em índices [...] esse processo, há um empobrecimento do grau de concretude do pensamento geográfico”.

Pautada no positivismo lógico e com grande afinidade com o raciocínio hipotético-dedutivo, a chamada Geografia Quantitativa trata o espaço geográfico como o objeto de estudo da ciência geográfica. Nos estudos de Ullman (1954) e Watson (1955) “o espaço é considerado sob duas formas que não são mutuamente excludentes [...] e um lado através da noção de planície isotrópica e, de outro de sua representação matricial” (CORRÊA, 2000, p. 20). Nesse momento a Geografia, segundo Bunge (1966), chegou a ser considerada como ciência espacial.

Nessa concepção a diferenciação espacial aconteceria por meio de mecanismos econômicos, além de uma outra variável importante, a distância. Essa linha de renovação da Geografia que se auto intitulou de “New Geography” (Nova Geografia), se por um lado trouxe como contribuição a centralidade do espaço na abordagem espacial, por outro, trouxe, em sua contraditoriedade, um perfil analítico acrítico perante as contradições sociais e os problemas da sociedade, sendo uma perspectiva alinhada aos pressupostos liberais que buscavam sedimentar os novos contextos de reprodução do capital sob o viés do progresso.

Avançando na evolução paradigmática da Geografia, emerge por volta das décadas de 1960 e, notadamente, 1970, a Geografia Crítica. A Geografia Crítica elabora uma crítica ferenha a “neutralidade” da Geografia Quantitativa e toma por base a necessidade de analisar os problemas socioeconômicos, cuja expressividade já não permitia mantê-los marginalizados em uma abordagem geográfica que centralizava a ideia do progresso e de como o espaço deveria se colocar em favor deste.

Na Geografia Crítica, sob bases teórico-metodológicas diferentes a exemplo da humanista-fenomenológica e marxista-dialética, o espaço reaparece e ganha centralidade. De maneira geral, o espaço na Geografia Crítica é considerado como “*locus* reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (CORRÊA, 2000, p. 25). Nesse momento uma gama de autores muitos autores ganharam destaque no temário geográfico contribuindo grandemente para formulação do pensamento dessa corrente, sendo eles, Lefebvre (1974), Harvey (1975), Soja (1979), Lacoste (1976) Santos (1978), entres outros. Esses geógrafos que engrossam, sobretudo, a corrente marxista, de acordo com Moraes (2007, p. 137) “em suas diferenciadas orientações, assumem a perspectiva popular, a transformação da ordem social [...] buscam uma Geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens”.

No âmbito da Geografia brasileira, é neste momento que ganha destaque as contribuições de Milton Santos, para quem o espaço se torna objeto de estudo da Geografia e categoria central de análise. As contribuições postas pelo autor entram no sentido de uma reflexão para o pensar geográfico a partir da realidade dos países subdesenvolvidos e dos países

pobres, pensando suas realidades e apresentando contribuições para entender a sua organização espacial a partir de uma teoria que surgisse a partir da realidade desses países.

Ao analisarmos todas estas correntes, podemos perceber que o espaço geográfico como conceito central da Geografia não é, nem de longe, um consenso em todas as correntes de pensamento geográfico, o que se explica pelo o fato que, a cada período histórico, a Geografia foi se constituindo de fatores específicos da realidade (prática) que se desdobraram sobre as bases teóricas e metodológicas de abordagem.

O exame paradigmático na Geografia revela que é, sobretudo a partir da Geografia Quantitativa que o espaço ganha centralidade na abordagem geográfica. Sob os princípios do positivismo lógico, a Geografia Quantitativa dá destaque aos padrões espaciais como instrumento de diagnóstico (acrítico) dos fenômenos no espaço. O espaço é, portanto, nessa corrente, uma categoria prefigurada pelas noções de espaço absoluto, isotópico e matricial.

Posteriormente, na Geografia Crítica, o espaço é entendido, na corrente marxista onde vai adquirir mais destaque, a partir do método materialista histórico-dialético, o qual permite uma visão do espaço enquanto uma totalidade projetada pelo o encontro de suas partes tensionadas por contradições emergentes da luta de classes e a materialidade espacial da sociedade capitalista.

Ao fazer esse recorte histórico das formas de abordagens do espaço geográfico nas diferentes correntes de pensamento, entende-se que a compreensão científica dos conceitos são modificadas conforme a sociedade avança em suas formas de representação e compreensão da realidade, de modo que o espaço é dotado de várias dimensões seguindo as correntes geográficas apresentadas. Dessa forma, entendemos ser de grande importância o processo de reflexão e de crítica à Geografia em cada momento histórico, pois é partir desse processo que conseguimos redefinir os conceitos, trazendo acréscimos para seu entendimento e superação no movimento do pensamento.

3 A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PARA MILTON SANTOS

O conceito de espaço geográfico é central nas discussões em Milton Santos. Propomos nesta secção apresentar o desenvolvimento das formulações do conceito de espaço em algumas de suas principais obras, discutindo cada conceituação que foi dada ao espaço geográfico em diferentes etapas reflexivas do autor.

Escolhemos como base teórica as seguintes obras *Por Uma Geografia Nova* (originalmente publicada em 1978); *Espaço e Método* (originalmente publicada em 1985); *Metamorfoses do Espaço Habitado* (originalmente publicada em 1988); e, *A Natureza do Espaço* (originalmente publicada em 1996), que serão analisadas em ordem cronológica a fim de evidenciar como se deu a evolução do sistema de ideias deste autor em relação ao espaço.

3.1 O contexto histórico-geográfico do pensamento de Milton Santos

Considerado um dos maiores nomes da Geografia brasileira e com reconhecimento notável na Geografia mundo afora, Milton de Almeida dos Santos tornou-se um cidadão do mundo, nasceu no dia 03 de maio de 1926 em Brotas de Macaúbas no estado brasileiro da Bahia, e desde que começou a debruçar-se sobre as questões da Geografia passou a contribuir valorosamente com o processo de renovação desta ciência que, como vimos, chega a década de 1970 demandando novas explicações para a realidade socioespacial complexificada pelos rumos da sociedade capitalista. Sua formação inicial foi em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1948, mas sempre demonstrou interesse pela Geografia ao longo de sua formação intelectual, vindo a se tornar “Doutor em Geografia em 1958 pela Université de Strasbourg, na França” (MILTON SANTOS, 2021)

Milton Santos ingressou na Faculdade de Direito aos 18 anos, formando-se em 1948. Logo em seguida prestou concurso e foi ministrar Geografia em Ilhéus-BA, onde permaneceu até 1953, período em que conciliava os trabalhos de professor, jornalista e advogado. Em 1956 Santos se mudou para Salvador onde passou a ministrar Geografia Humana na Universidade Católica. A partir de então, a participação em Congressos na área de Geografia, “a exemplo do Congresso Internacional de Geografia (1956), o permitiu estabelecer contato com geógrafos de diferentes partes do mundo, tal como Jean Tricart que o convidou para continuar seus estudos em Geografia na Universidade de Strasbourg” (MILTON SANTOS, 2021).

Posteriormente Milton Santos inicia uma série de contribuições, funda o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais na Universidade Federal da Bahia, também assume a diretoria da imprensa oficial da Bahia, torna-se livre docente pela UFBA, e ainda é nomeado subchefe da Casa Civil durante o rápido mandato de Jânio Quadros (MILTON SANTOS, S/P, 2021).

Todavia, seus esforços e contribuições são interrompidos pelo período do regime militar, em que chegou até a ser preso. Naquele momento recebia vários convites para ser professor visitante de universidades fora do país, mas eram negados pelo governo autoritário da época. Milton Santos após problemas de saúde é liberado pelo governo militar, mas impedido de ministrar aulas em seu país, sendo nesse período que recebe convites de universidades na França e muda-se para Toulouse, percorrendo a partir de então diversos países. O seu retorno ao Brasil acontece em 1977, momento marcado pelo um evento na UFBA, onde foi ministrado o Curso de Extensão “A Cidade Mundial de nossos dias Desde esse período, Milton Santos seguiu atuando de perto na Geografia brasileira, se tornando, em 1984, professor de Geografia na USP”. (MILTON SANTOS, 2021).

Milton Santos ao longo de sua trajetória ao redor do mundo sempre buscou observar e estudar aspectos diversos, principalmente do urbano, nos diferentes países em que esteve presente. Percebeu e criticou a falta de uma teoria que explicasse a organização da estrutura urbana dos países mais pobres, que nas décadas da segunda metade do século XX eram chamados de terceiro mundo ou países do Sul. Com isso Milton Santos apresenta a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, também “tornou-se um grande estudioso e crítico do processo de Globalização e da forma como ele foi colocado em nosso mundo”. (MILTON SANTOS, 2021).

Ao longo de sua trajetória intelectual na Geografia, Milton Santos pôde vivenciar e problematizar um contexto histórico-geográfico permeado de transformações que, não só puseram em debate os fenômenos materializados, como também o papel analítico da Geografia diante de tais fenômenos. As mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e, conseqüentemente, espaciais, decorrentes de uma sociedade capitalista assentada sob as bases da internacionalização do capital foi para Santos e outros geógrafos contemporâneos a ele pressuposto para novas abordagens na Geografia.

O mundo vivencia, sobretudo a partir de 1970, os efeitos da Terceira Revolução Industrial, evento marcado pela inserção da técnica, da informação e do conhecimento no processo produtivo capitalista e, conseqüentemente, pelo o estabelecimento de novas formas de relacionamento entre os países na economia internacional, novas relações de trabalho e uma nova racionalidade espacial. É um período em que os processos de urbanização e

industrialização evidenciam com mais veemência as contradições de dinâmicas econômicas desenvolvidas sem articulação com a melhoria das condições sociais da população, o que resulta em questões que tornam-se objeto de intenso debate na Geografia.

Neste contexto, Milton Santos evidencia, antes de tudo, a necessidade de fortalecer as bases analíticas da Geografia como uma ciência que pensa o espaço geográfico, espaço geográfico este constituído em meio a variáveis inerentes a cada contexto específico, como é o caso dos países subdesenvolvidos. Assim, propõe uma complexa e bem fundamentada sistematização teórica para esta ciência, formulando uma teoria geográfica que trouxe novos conceitos e categorias que enriqueceram os debates no âmbito da Geografia. Milton Santos chama atenção para a delimitação e definição do objeto de estudo da Geografia, concebendo-o como o espaço geográfico. Para conceituar o espaço geográfico, Santos propõe ao longo de sua jornada na Geografia conceitos que favorecem a compreensão, como é o caso de forma, função, estrutura, processo, objetos, ações, técnica, formação econômica, totalidade, entre outras.

Desta forma, o que se percebe é que Milton Santos constrói sua trajetória na Geografia refletindo sobre uma realidade dos países mais desiguais. Dedicou uma vida de trabalhos e contribuições acadêmicas a Geografia, principalmente sobre o papel do cidadão, a organização das cidades dos países subdesenvolvidos, além de uma série de outras contribuições.

3.2 Por uma Geografia do espaço

Para facilitar e deixar mais concisa a análise pretendida em torno do conceito de espaço em Milton Santos, selecionamos obras que acreditamos ser cruciais à compreensão do processo de construção e evolução do conceito de espaço em Santos. Desta forma, destacamos a partir de agora as obras: *Por uma Geografia Nova* (*originalmente publicada em 1978*), *Espaço e Método* (*originalmente publicada em 1985*), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988 *originalmente publicada em*) e *A Natureza do Espaço* (*originalmente publicada em 1996*).

Daremos início à discussão sobre o conceito de espaço a partir da Obra “*Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*” publicada originalmente em 1978, e considerada uma grande contribuição para o processo de renovação metodológica da Geografia na década de 1970. Esta obra é considerada por muitos uma das mais complexas e bem acabadas sobre a Geografia Crítica no mundo, com contribuições que expandiram e expandem até hoje horizontes possibilidades para a construção da abordagem geográfica. A obra divide-se em três partes sendo elas: “A Crítica da Geografia”; “Geografia, sociedade, espaço”; e, por fim “Por uma Geografia Crítica”.

Milton Santos pode ser considerado como um teórico do espaço, um filósofo do espaço ou até mesmo um filósofo das técnicas. Em *Por uma nova Geografia*, Santos parte de uma crítica a Geografia Tradicional e a Nova Geografia, crítica esta fundamentada, sobretudo, na falta de precisão do objeto de estudo geográfico. Para Santos (2012), a Geografia tinha até então se preocupado mais com o que é Geografia do que com o que a Geografia estuda.

Destemporalizando o espaço e desumanizando-o, a geografia acabou dando as costas ao seu objeto e terminou sendo ‘viúva do espaço’. Para esse resultado contribuiu o fato de terem sido perdidos muito esforço e muito talento na busca por soluções imediatistas para problemas considerados imediatos, em perseguir respostas particulares para problemas considerados específicos. Acabamos, por isso, tendo uma multiplicidade tão grande de geografia que justificaria um espírito irônico dizer que, nos dias de hoje, há muitas geografias mas nenhuma geografia (SANTOS, 2012, p. 119).

Nesse momento entende-se que houve uma fragmentação do conhecimento geográfico, deixando de lado elementos básicos e essenciais para a análise do geógrafo, como as relações sociais e as dinâmicas de apropriação do espaço e as desigualdades presentes na organização espacial, entre outras questões importantes do âmbito geográfico. É em Santos (2012) que são apresentados elementos que colaboram para os geógrafos analisarem criticamente o percurso histórico da Geografia, é partir desse momento que ele apresenta as bases para pensar uma Geografia verdadeiramente crítica.

Após tecer críticas à forma como deixaram de lado o conceito de espaço, Milton Santos vai além, propondo uma (re)definição do objeto de estudo da Geografia. Santos (2012) a partir de uma abordagem de influência marxista apresenta o espaço como base para a formação econômica e social, concluindo que ela só é possível através da base espacial-territorial entendida pelo autor como uma formação socioespacial. O espaço nessa perspectiva passa a ser compreendido como uma forma de relação e de indissociabilidade entre a natureza e a sociedade. O espaço é, portanto, a base para a sociedade se desenvolver.

No processo de (re)definição do objeto de estudo da Geografia, Milton Santos insere novas abordagens e perspectivas como elementos metodológicos para avançarmos na definição do espaço geográfico. Neste patamar, podemos inferir que essa categoria pode ser entendida como fato social, fator social e instância social, o que torna o espaço uma relação de ida e vinda de uma produção recíproca sem fim.

A partir da influência durkheimiana de fato social, o espaço pode ser entendido como “uma coisa, que existe fora do indivíduo e se impõe tanto ao indivíduo como a sociedade considerada como um todo” (SANTOS, 2012, p. 161). Dessa forma, o espaço se impõe fora da nossa consciência, apesar de se apresentar como uma mesma realidade para todos, ele é

percebido diferentemente por cada indivíduo ou grupo social, ou seja, ele é simultaneamente produtor e produto, determinante e determinando.

O espaço sendo um fator social trata-se de um elemento de determinação. Entende-se o espaço como resultado de uma produção histórica que passa a condicionar o ser humano e suas ações a partir de suas configurações. Com essas características de determinação, o espaço passa a reproduzir as linhas de força da estrutura vigente, onde se constituirá como possibilidade e como contrariedade.

Seguindo as contribuições de Santos (2012), o espaço é elevado à categoria de instância social, ou seja, aquilo que se impõe a tudo e a todos, sendo considerada como uma estrutura autônoma ao lado da política, cultura e economia, por exemplo. Em outras palavras podemos dizer que o espaço determina e é determinado por essas outras instâncias, ou seja, ele contém e é contido pelas demais. Para Santos (2012, p. 181):

Ora, o espaço, como as outras instâncias sociais, tende a reproduzir-se, uma reprodução ampliada, que acentua os seus traços já dominantes. A estrutura espacial, isto é, o espaço organizado pelo homem e, com as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias, específicas de sua própria evolução.

Apresentando essas concepções sobre o espaço geográfico como fato social, fator social e instância social, Santos (2012) continua suas contribuições sobre a delimitação e definição do objeto de estudo da Geografia, versando sobre os esforços empreendidos em definir a Geografia e não o espaço, o autor ressalta que “de todas as disciplinas sociais, a Geografia foi a que mais se atrasou na definição de seu objeto e passou, mesmo a negligenciar completamente esse problema” (SANTOS, 2012, p. 144). Tal problemática foi deixada de lado por gerações de geógrafos que direcionaram seus esforços a outras inquietações e deixaram de lado o objeto explícito da Geografia – o espaço social. Santos (2012) comenta que se discute cada vez mais Geografia, uma palavra muitas vezes sem conteúdo, deixando de lado o espaço, seu objeto. Dessa forma, “a definição de espaço, tornou-se difícil e a da geografia impossível” (SANTOS, p. 119).

Quanto a definição de espaço geográfico, Santos (2012) ressalta a tarefa árdua que tal esforço teórico e metodológico exige do pesquisador. Para o autor o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas, elas que presente no espaço são uma forma de analisar e perceber como ocorreu o uso e ocupação desse espaço no passado e como ele é usado no presente.

Para Santos (2012, p. 153):

O espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Nessa definição entra elementos de grande importância para o conceito de espaço geográfico, que são denominadas pelo autor de categorias do método geográfico, sendo elas: forma, função, estrutura e processo. Essas categorias são apresentadas em Santos (2012), porém elas são bem definidas e delimitadas posteriormente, em Santos (2014a) na obra Espaço e Método, o qual começamos a discutir na sequência.

Avançando temporalmente pela obra de Milton Santos, chegamos ao livro “Espaço e Método” publicado originalmente em 1985. Neste momento de seu pensamento, Milton Santos continua suas discussões sobre o espaço geográfico fornecendo ferramentas teórico-metodológicas para o geógrafo interpretar e compreender criticamente o espaço e suas dinâmicas.

Santos (2014a) reafirma que a essência do espaço é social. Nesta concepção, o espaço é um fator da evolução social, e não apenas uma condição para tal. O espaço, preservado seu sentido de instância da sociedade, é visto a partir da totalidade e entendido como uma realidade cumulativa onde temporalidades distintas coexistem. Quanto aos elementos do espaço para Santos (2014a) seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas. Esses elementos possuem interações, sendo eles intercambiáveis e redutíveis de acordo com cada momento histórico, ou seja, existem momentos que os homens podem ser tomados como firmas ou como instituições. Santos (2014a) coloca esses elementos como variáveis, por consequência das suas variações quantitativas e qualitativas no tempo e no espaço. Dessa forma, entende-se que para cada elemento é dado um valor diferente de acordo com o lugar em que se encontra.

Definindo cada um dos elementos, Santos (2014a, p. 16-17) coloca-os da seguinte forma:

Os homens são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na qualidade de candidatos a isso, trata-se de jovens desempregados ou não empregados. [...] as firmas têm como função essencial a produção de bens, serviços e ideias. As instituições, por seu turno, produzem as normas, ordens e legitimações. [...] o meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. [...] as infra-estruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos etc.

Em busca de uma consolidação do método geográfico, Santos (2014a) apresenta o que ele denomina de *categorias do método geográfico*, sendo elas: estrutura, processo, função e forma, tais categorias em conjunto possibilitam o desenvolvimento desse método. O autor alerta para que nas análises geográficas essas categorias sejam articuladas para que assim possam evidenciar as dinâmicas contraditórias presentes na organização dos objetos no espaço. De tal forma, quando estudadas em conjunto elas possibilitam a compreensão do movimento da sociedade no tempo e no espaço. Para Santos (2014a, p. 69):

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função*, de acordo com o dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.

Para Santos (2014a), seria errôneo privilegiar apenas uma categoria, pois só é possível apreender a totalidade em seu movimento a partir de uma análise que leve em consideração as quatro categorias. Seu pensamento atravessa o tempo, suas contribuições teóricas foram pensadas de uma forma que permanecem atuais, como as categorias do método geográfico e as variáveis que compõem o espaço foram pensados a partir de sua essência, buscando a compreensão de como esses conceitos se estruturam em sua natureza.

Destacamos que as variáveis do espaço e as categorias do método geográfico podem e devem ser utilizadas de maneira indissociável, para assim fornecer ao cientista preocupado com a questão espacial conceitos que possam lhe direcionar a compreensão da natureza do espaço. Quando utilizados em conjunto esses conceitos possibilitam pôr em relevo as diversas dinâmicas do espaço, inclusive o seu processo de desigualdade e contradição.

Outra definição de espaço bastante difundida por Milton Santos é a do espaço como um conjunto de fixos e fluxos, apresentada em sua obra *Metamorfoses do espaço habitado* (1988) sendo considerada uma continuação de *Por uma Geografia Nova*. Santos (2014b) divide esta obra em dez capítulos, em que procura compreender o processo sob o qual estava presenciando de “universalização do mundo”. Trata-se de uma obra com grande valor conceitual e analítico, a partir das contribuições teóricas de conceitos basilares para os estudos geográficos, principalmente sobre o espaço geográfico, configuração territorial e paisagem.

Em Santos (2014b, p. 83) são expostos fundamentos teóricos para pensar o espaço a partir da configuração territorial entendida como “o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem”. Diante dessa

perspectiva, o espaço pode ser entendido a partir da junção entre a paisagem, configuração territorial e sociedade. Dessa forma, podemos analisar o espaço a partir da noção de forma-conteúdo, onde a paisagem pode ser entendida como as formas, as dinâmicas sociais o conteúdo, e a própria configuração territorial ser resultado do movimento dialético entre a forma e o conteúdo, ou em outras palavras da herança espacial e das dinâmicas sociais atuais.

Santos (2014b, p. 85) apresenta que “o espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos [...] nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas [...] tudo isso, junto, é o espaço”. Os fixos são a materialidade e a objetividade dessas formas que compõem o espaço, são as heranças sociais construídas para determinados objetivos em um período histórico e que pode mudar de funcionalidade de acordo com as necessidades humanas. Já os fluxos, são os movimentos, ou seja, as dinâmicas sociais de cada período histórico.

Antes de prosseguirmos para a próxima discussão de espaço em Milton Santos a ser apresentada, gostaríamos de realizar um esforço de aproximação entre as categorias do método geográfico exposta em *Espaço e Método* e os fixos e fluxos discutidos em *Metamorfoses do Espaço Habitado*. Aqui cabe ressaltar que tais categorias e conceitos propostos por Milton Santos, não necessariamente precisam ser compreendidas e explicadas separadamente, é possível aproximá-las e enriquecer as nossas análises a partir de suas contribuições teórico-metodológicas.

Podemos pensar as categorias de forma e estrutura, como a materialidade que é construída e elaborada no espaço, sendo elas o aspecto material do espaço. Desse modo, é possível aproximar essas duas categorias com a proposta de fixos, isto é, dos objetos materiais dispostos no espaço. Já as categorias de função e processo podem ser relacionadas com a concepção de fluxos, ou seja, a partir delas podemos perceber o movimento, as atividades e as relações sociais que ocorrem no espaço. É importante destacar que essa aproximação só é válida se utilizarmos todas as categorias articuladas, para que assim possamos entender a forma como o espaço se organiza como um todo, utilizando de um lado a materialidade que o estrutura e de outro o movimento que articula a sociedade em sua reprodução no espaço.

Seguindo com a análise do conceito de espaço no pensamento de Milton Santos, chegamos naquela que é apontada como uma Obra que sintetiza a principais reflexões do autor, *A Natureza do Espaço*, publicada originalmente em 1996. Nessa Obra, o espaço é considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. As formulações expostas na Obra são resultados de mais de um quarto de século de pesquisa, leituras e releituras do autor. Nela, o espaço geográfico é discutido e apresentado a partir das evoluções e mudanças

ocorridas com as técnicas, que passam a caracterizar um novo período, entendido como meio técnico-científico- informacional.

De início Santos (2017) apresenta algumas insatisfações com relação a determinadas abordagens na Geografia, como a persistência de muitos estudiosos na negligência do espaço, apresentando mais uma vez críticas à busca pela definição da Geografia e a falta de preocupação com a delimitação do objeto de estudo dessa ciência. Apresenta que “na realidade, *o corpus* de uma disciplina é subordinado ao objeto e não o contrário” (SANTOS, 2017, p. 19). Portanto, reitera nesta Obra a sua convicção de que o caminho a ser seguido é voltado para a discussão sobre o espaço, e não sobre o que é a Geografia. Outra preocupação pertinente refere-se a união espaço-tempo, dando um enfoque para a necessidade de se trabalhar essas categorias de forma conjunta, não separando-as. Para Santos (2017, p. 19) “o tempo aparece na prática separado do espaço, mesmo quando é o contrário que se afirma”.

Na sua discussão, Milton Santos busca dá centralidade a técnica como um elemento importante nas relações sociais e na produção espacial. A técnica comparece como um elemento de ligação entre o ser humano e o espaço, e é através dela que o espaço é modificado, ou seja, a técnica é tanto uma necessidade imediata, como fator da evolução humana. As técnicas para Santos (2017, p. 29) são definidas como “um conjunto de meios instrumentais e sociais com as quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço”.

O fenômeno técnico apresentado por Santos (2017) deve ser considerado na sua total abrangência para alcançar a noção de espaço geográfico. Esse fenômeno técnico se espalha no espaço de forma desigual, ou seja, existem partes do espaço com um adensamento técnico maior do que outros e esse fato provoca uma fluidez maior nessa parte do espaço, elevando-o a uma categoria de destaque e de imposição de sua lógica para os demais locais. A este quadro variável e contraditório, Santos (2014) estabelece como sendo formado pelos espaços luminosos e pelos espaços opacos, ou espaço do mandar e espaço do fazer.

A partir da técnica podemos delimitar partes do tempo, ou seja, é possível dividir a história em períodos, onde cada um apresenta um sistema técnico com características próprias. Santos (2017) vai denominar estes períodos como meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional. Dessa forma, em cada um desses períodos existe um sistema técnico que os dão características próprias e os diferenciam dos outros. Não é uma datação histórica precisa e bem delimitada, é a temporalidade das técnicas no espaço.

O meio natural caracteriza-se pela prevalência de técnicas simples, em que a transformação da natureza ocorria sem grandes mudanças. Conforme a sociedade avançou em termos técnicos, o espaço presenciou novas formas de configuração de seus objetos e suas

ações. O período chamado de *meio técnico*, trouxe consigo mudanças significativas na esfera técnica que possibilitou o surgimento de um novo arranjo espacial com novos significados e novas racionalidades. Para Santos (2017, p. 235) “os objetos que formam o meio não são apenas objetos culturais, eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo [...] quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do natural e do artificial”. Portanto, a partir dos novos sistemas técnicos é dada a eminência de um novo período denominado de *meio técnico*. O meio técnico-científico-informacional, que compreende uma temporalidade técnica do espaço marcada pela racionalidade da globalização da economia e de suas respectivas lógicas espaciais.

Neste período, o espaço passa a ser caracterizado por profundas relações entre a ciência, a técnica e a informação. Conforme Santos (2017, p. 238):

Os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata, estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*.

O meio técnico-científico-informacional representa, portanto, um novo cenário na organização do espaço mundial que implica na (re)configuração dos espaços nacionais, regionais e locais. Para Santos (2017), a união entre ciência e técnica que, a partir dos anos 1970 havia transformado o território brasileiro, revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação que se estabelecem com os condicionantes postos pela globalização e pela soberania imposta pela lógica do mercado.

Neste contexto, a concepção desenvolvida de espaço geográfico como um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, nos permite analisar o fenômeno geográfico como um todo. Segundo Santos (2017, p. 63):

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina.

Diante dessa concepção de espaço é pertinente destacar que precisamos compreender esses sistemas em conjunto, ou seja, não basta analisar apenas as ações ou apenas os objetos. Para Santos (2017, p. 63) “de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se

dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes”.

A conceituação do espaço geográfico como um conjunto que se estrutura com uma condição relacional, inseparável, indissociável e contraditória de sistemas de objetos e de sistemas de ações, nos proporciona compreender a forma como a sociedade se organiza no espaço, através da sua base material de um lado e do outro uma série de relações que lhe dão ações e intencionalidade, formulando assim o espaço geográfico.

Também ressaltamos a importância das demais definições de espaço discutidas anteriormente, afinal todas elas são parte de um processo intelectual do autor que coadunam a um ponto de maturidade conceitual. Todas elas trazem consigo contribuições para o desenvolvimento do conceito de espaço geográfico e para o fortalecimento da Geografia brasileira, através do seu processo de renovação teórico-metodológica todas as definições apresentam seu valor e importância dentro do pensamento geográfico.

4 MATERIAL E MÉTODO

A forma como o pesquisador procede suas abordagens através de um sistema coerente de ideais ao longo do caminho de sua pesquisa pode ser definida como método, ou seja, as escolhas dos seus conceitos, ferramentas, instrumentos, técnicas e teorias que possibilitam ao pesquisador a visualização e compreensão dos fenômenos a partir da sua visão de mundo. Ao longo de sua trajetória intelectual, Milton Santos, partindo muitas vezes dos pressupostos marxistas, procurou destacar a importância da história e da dialética na abordagem geográfica centrada na relação espaço-tempo, e fez isso sob o ponto de vista do materialismo histórico dialético. Este método caracteriza-se por trazer para análise dos fenômenos categorias como a totalidade, a historicidade, a complexidade, a dialeticidade, a praxidade, a concreticidade e a cientificidade (LEFEBVRE, 1991). Com efeito, a análise feita a partir da teoria de Santos nos permite também partir de tal concepção, o que, naturalmente não tem a ver com a efetivação processual (empírico-abstração-concreto) do método em questão, mas, com a organização de um processo reflexivo que, assim como Santos, apreende a realidade geográfica como uma trama dialética assentada sob a relação espaço-tempo.

O processo de construção científica está em constante renovação e superação, o que reflete, em parte, o movimento da realidade e, conseqüentemente, do pensamento. Portanto, é possível que determinados conceitos que foram construídos e pensados para uma certa realidade não deem mais conta das novas dinâmicas que reconfiguram os contornos, conteúdos e expressões espaciais da relação sociedade-natureza.

Dessa forma, o processo de leitura e interpretação de obras importantes no âmbito da ciência geográfica é um exercício importante à evolução da própria Geografia. A presente pesquisa preocupou-se em realizar um esforço teórico de compreensão do conceito de espaço geográfico e as contribuições da obra de Milton Santos para o processo de renovação e fortalecimento da Geografia brasileira.

Com base nos objetivos delimitados, o presente trabalho classifica-se como uma pesquisa teórica, que para Demo (2000, p. 20) trata-se da pesquisa que é "dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos".

Com base no tipo de abordagem, a pesquisa apresenta um cunho qualitativo. De acordo Silvera (2009, p. 32) "os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém a ser feito, mas não buscam quantificar os valores simbólicos nem submetem à prova de fatos". Neste interim, a abordagem qualitativa foi

basilar em uma análise que, em essência, demandou profundidade e imersão no objeto pesquisado, ainda que teórico.

Já em termos de tipologia nossa pesquisa se enquadra no campo bibliográfico, que de acordo com Gil (2007, p. 44) pode ser caracterizada da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

No desenvolvimento do trabalho, a primeira abordagem para aproximação com a temática aconteceu por meio de uma cuidadosa revisão bibliográfica sobre o tema, na qual por meio de critérios de importância compreendemos como obras basilares para a compreensão do conceito de espaço geográfico na obra de Milton Santos os seguintes livros: *Por uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e método* (1985) *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996), tais obras foram escolhidas como bibliografia básica para guiar as discussões e análises presentes nesse estudo.

A segunda etapa foi voltada para a elaboração de fichamentos e resumos sobre as obras já citadas, com um cuidado ainda maior nas partes que são voltadas especificamente para as formulações teóricas sobre espaço geográfico. É importante destacar que nessa etapa do trabalho não se resumiu meramente a um levantamento bibliográfico, e sim uma busca por construir ideias e argumentos sobre o conceito estudado. Portanto, na conclusão desse passo chegou-se a construção de uma série de fichamentos sobre o tema, afim de sistematizar as ideias e melhor organizar o pensamento sobre o conceito escolhido para a continuidade da escrita.

Posteriormente, foi dado início ao processo de análise e interpretação do conceito de espaço geográfico a partir das obras estudadas apresentando argumentos por meio de dimensões críticas em forma de quadro de referências, expondo cada definição de espaço geográfico para cada obra estudada como uma forma de sistematizar o conceito estudado em uma ordem cronológica.

Em seguida foram empreendidos esforços para a elaboração e redação da monografia, a fim de chegar a um processo de compreensão do processo de evolução teórico metodológica do conceito de espaço geográfico no pensamento de Milton Santos e as principais contribuições para a formação e renovação do pensamento geográfico brasileiro.

4.1 Classificação temporal das obras analisadas

Decidimos expor as obras selecionadas para análise por uma ordem cronológica, conforme já citamos anteriormente, em *Por uma Geografia Nova* (1978), *Espaço e método* (1985), *Metamorfoses do espaço habitado* (1988) e *A Natureza do Espaço* (1996), obras consideradas fundamentais para a compreensão do conceito de espaço geográfico no pensamento miltoniano.

O primeiro Livro estudado foi *Por Uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* publicada originalmente em 1978, trata-se de uma obra de extrema riqueza teórica, conceitual e prática do pensamento de Milton Santos. Formulada em um período de grandes críticas e de renovação do pensamento geográfico, tornou-se uma das principais leituras sobre esse momento. Milton Santos propôs, neste Livro, a criação de uma Geografia Nova, refundada, revisitada, mais libertaria e generosa, e trouxe consigo não apenas a crítica em si, mas um conjunto de ferramentas teórico-metodológicas para a consolidação de uma nova era geográfica, deixando de lado os estudos voltados apenas para as descrições das paisagens, voltando-se agora para a compreensão dos fenômenos.

O Segundo Livro foi *Espaço e Método* publicado no ano de 1985, obra que dá sequência as contribuições teóricas sobre o espaço geográfico. Nela, Santos oferece uma série de ferramentas teórico metodológicas para os cientistas sociais compreenderem criticamente o espaço a partir de suas dimensões e dinâmicas. Para isto, apresenta as categorias do método geográfico: estrutura, forma, função e processo, consideradas como um grande avanço para a compreensão de como se organiza a sociedade no espaço, além de fortalecer a busca ontológica da essência do espaço geográfico.

A terceira obra estudada foi *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*, publicada no ano de 1988, considerada pelo próprio autor Milton como uma continuação do livro *Por uma Geografia Nova* (1978). O espaço geográfico nessa obra foi considerado como um conjunto de fixos e fluxos, o contexto presenciado na época era o de universalização do mundo”, ou seja, a eminência do período Técnico-científico, uma nova realidade era configurada, um novo momento estava emergindo, com uma rapidez e fluidez maior, nas relações sociais e nos fenômenos técnicos.

A última obra estudada foi *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, com sua primeira edição no ano de 1996. Milton Santos apresenta o espaço geográfico como um conjunto de sistemas de objetos e de sistemas de ações, os quais se relacionam de forma

indissociável. Trata-se da concepção mais difundida de espaço geográfico presente na trajetória intelectual de Milton Santos.

Através da leitura da obra de Santos buscamos construir argumentos e estruturar ideias em especial voltadas para o conceito de espaço geográfico. Ao longo do estudo foi possível encontrar compreensões e novos significados do conceito a partir da (re) leitura das obras postas a análise.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A realidade está em constante movimento. A cada novo período histórico novas forças se erguem sobre a produção, organização e transformação do espaço geográfico, de modo que não podemos tomar este por um objeto imutável, inerte às mudanças. Tal condição inata à Geografia projetou ao longo de sua trajetória evolutiva construções teórico-metodológicas diversas, que caracterizaram os diferentes paradigmas e perspectivas epistemológicas.

Esse movimento do pensamento geográfico não deve, e não pode cessar, pois é dele que a renovação da Geografia se alimenta. Neste trabalho, ao nos propormos a realizar esse exame do conceito de espaço na obra de Milton Santos, trazemos ao debate as concepções teórico-metodológicas de um autor que deixa sua imensa contribuição ao pensamento geográfico pós década de 1970, e que nos lega bases analíticas compatíveis com a realidade socioespacial configurada por variáveis que estão em um ritmo de transformação cada vez mais acelerado, exigindo novas explicações da Geografia.

Com os avanços das técnicas, novas possibilidades foram criadas, novas relações foram estabelecidas, um novo tempo está a nossa frente, o meio técnico-científico-informacional. É esse cenário que endossa as reflexões de Milton Santos, cujo sistema de ideias vai ser organizado em torno de uma nova racionalidade estabelecida no espaço a partir do avanço nos campos científicos e comunicacional, fato que tornou o espaço a esfera contraditoriamente e desigualmente articulada em torno dos interesses da sociedade capitalista.

Com relação as reflexões construídas ao longo da pesquisa teórica aqui empreendida, podemos inferir que o conhecimento geográfico não é imutável, e está em constante movimento de renovação e superação de ideias de acordo com os movimentos da sociedade no espaço. Dessa forma, quando analisamos o conceito de espaço ao longo do movimento do pensamento geográfico observamos que esse conceito ganhou diferentes concepções nas correntes de pensamento, o espaço foi caracterizado e influenciado pelo ajuste teórico em cada corrente ao longo das transformações que atingiram a realidade socioespacial de cada período técnico. Isso fez do espaço, ora elemento central das abordagens geográficas, ora elemento secundário ou simplesmente marginalizado.

No âmbito da teoria de Milton Santos, especificamente naquelas analisadas, percebe-se que o espaço culmina como a categoria central capaz de explicar uma realidade que, ao mesmo tempo em que era una e particular, era também uma totalidade complexa. É desta forma que o espaço, tido muitas vezes como algo geral e impreciso, passa a ser o espaço geográfico o objeto de estudo da Geografia.

Com relação as contribuições deste geógrafo para a Geografia brasileira destacamos de início a obra *Por um Geografia Nova* (1978) e o seu impacto no movimento de renovação e fortalecimento da Geografia na década de 1970. Santos (2012) propõe um Geografia refundada, generosa com preocupações voltadas para as questões do espaço social, sendo o espaço elevado à categoria de instância social, aquilo que se impõe a tudo e todos, o espaço como uma estrutura autônoma.

Seguindo em suas contribuições Santos (2014a) estabelece as categorias do método geográfico de análise, sendo elas forma, função, estrutura e processo, definidas no item 3.1 desse escrito. Tais categorias segundo Santos (2014a) devem ser estudadas e utilizadas em conjunto para possibilitar ao geógrafo uma compreensão abrangente do espaço. Além dessas categorias Santos (2014a) também apresentou os elementos/variáveis do espaço, sendo eles os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infra-estruturas.

Um esforço de aproximação realizamos no item 3.1, relacionando as categorias do método geográfico de análise de Santos (2014a) com a concepção de espaço geográfico como um conjunto de fixos e de fluxos de Santos (2014b), observa-se que os fixos podem ser relacionados com a materialidade e objetividade dos fenômenos, junto com as formas e as estruturas, já os fluxos podem ser relacionados com as relações sociais junto com as categorias de função e processo, o que caracterizam o movimento dentro do espaço geográfico.

Essa aproximação nos leva até a concepção mais desenvolvida e disseminada em Santos (2017), na qual o espaço passa a ser entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. O primeiro sistema podendo ser relacionado com a base material do espaço, as lógicas e intencionalidades que estão presentes nas técnicas e nos objetos que são produzidos através delas (os fixos do espaço). Já o segundo sistema pode ser entendido como a funcionalidade, as forças, as atitudes, e os objetivos, ou seja, os fluxos do espaço, através dessa relação entre esses sistemas em conjunto podemos entender o espaço geográfico.

O espaço geográfico pode ser entendido como a materialidade em movimento que se realiza através das relações entre as formas do passado e do presente, por meio de uma sucessão de avanços técnicos que condicionam mudanças na organização social e nas relações entre o ser humano em sociedade com a natureza (esta entendida como uma segunda natureza). Dessa forma, entendemos que a técnica trata-se de um fator primordial para a compreensão do espaço geográfico, do seu passado ao seu futuro. A cada novo avanço técnico uma nova configuração social é implantada, uma nova lógica é seguida, foi assim do meio natural ao meio técnico e posteriormente ao meio técnico científico informacional.

O espaço é algo relacional, ou seja, de um lado temos a materialidade ou os objetos, que lhe dão a forma física que visualizamos e percebemos distribuídas no espaço, como um registro de diferentes tempos, e do outro lado estão as intencionalidades por trás de cada objeto construído e localizado no espaço. Neste caso, a preocupação geográfica evidenciada é entender como esse processo condiciona as desigualdades presentes no espaço, ou seja, de um lado encontramos territórios densamente tecnificados e do outro encontramos espaço com uma carência técnica enorme, basta observar uma imagem das luzes no globo terrestre à noite que percebemos tal discrepância.

Diante da face geográfica da globalização, ou seja, o meio técnico científico informacional, percebe-se alguns aspectos que permitem ao geógrafo analisar a atual organização do espaço em um nível mundial, o atual momento é movido por uma lógica produtiva desenfreada que anseia o lucro, por e como apontou Santos (2019) uma mais valia universal. Temos uma ordem global que estabelece certas disponibilidades técnicas em certos territórios e em outros não, existe um processo de desigualdade espacial à nossa frente, ou seja, os objetos técnicos/geográficos não são distribuídos da mesma forma no espaço, nem muito menos as ações.

Entender o espaço geográfico é de suma importância para se compreender o mundo, como nos organizamos em sociedade, como ocorreu nosso processo de origem e para onde estamos caminhando. Outro exemplo a ser citado nos remete às relações desarmônicas no atual período técnico entre o ser humano e os aspectos físico-naturais, existe uma lógica global imposta no espaço que está levando nosso planeta a um colapso dos recursos naturais, há implantado em uma grande parte da população um sistema de consumismo desenfreado que se for seguido por todo o planeta entraremos em colapso nos próximos anos.

O conceito de espaço geográfico nos fornece elementos para compreender o processo de organização da sociedade. É no espaço geográfico onde os agentes, processos, ações, objetos e relações se entrecruzam no movimento de uma totalidade que se descontrola em partes distintas que no movimento da realidade, voltam a ser totalidade novamente, em uma intensa e contraditória relação dialética espaço-tempo-sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, podemos dizer que a presente pesquisa possibilitou o desenvolvimento de um conjunto de ideias expostas nesse escrito, apresentando e discutindo o processo evolutivo do conceito de espaço geográfico em Milton Santos, discutindo sobre cada concepção desse conceito em diferentes etapas reflexivas do autor.

Ao chegarmos em nossas considerações finais, ressaltamos novamente sua relevância para o processo de alargamento do debate teórico na Geografia. As reflexões teóricas são de grande importância para o avanço e construção de novos olhares e até mesmo novas teorias. As contribuições de Milton Santos foram e são até o momento consideradas como basilares para o processo de crítica e reformulação do fazer geográfico. A partir de sua obra Milton Santos propôs uma nova forma de fazer Geografia, trouxe consigo novos olhares e novas perspectivas, principalmente no sentido de trata-se de teorias geográficas vindas do que na década de 1970 era chamado de terceiro o mundo.

No âmbito da teoria de Milton Santos, o espaço geográfico aparece como o objeto de estudo da Geografia. Com o advento e consolidação do processo de globalização, o espaço geográfico passa a ser codificado pelo meio técnico-científico-informacional, sendo concebido por Milton Santos como instância social, isto é, como um complexo de relações sociais construídas em torno da produção social, econômica, política, territorial e cultural da sociedade capitalista. Neste contexto, o papel do geógrafo, na perspectiva miltoniana, passa a ser o de identificar as relações sociais e contradições presentes a partir da realidade materializada no espaço.

Não almejamos esgotar as discussões sobre o tema, nem muitos menos impor uma nova definição do conceito de espaço geográfico para a comunidade acadêmica, e sim apresentar contribuições teóricas sobre esse conceito tão importante para a compreensão da forma como a sociedade se organiza e se relaciona. Dessa forma, a partir da compreensão da materialidade do espaço, as lógicas e racionalidades que nele estão presentes podemos caminhar para uma perspectiva geográfica que possa nos oferecer ferramentas para a construção de um mundo menos perverso e mais justo a partir dos avanços técnicos e de sua disseminação para todos os povos.

Tendo uma Geografia (re)definida e com seu objeto de estudo delimitado, então nos perguntamos, qual o papel do geógrafo? Pois bem, cabe-nos elevar a Geografia a um destaque maior, ou seja, ganhar mais força no campo socioespacial, ganhar voz e influência no campo político, buscar através dos estudos geográficos formas de organizar o espaço de maneira

igualitária, onde todas as nações possam usufruir de sistemas técnicos de um mesmo nível, buscando não apenas um lucro desenfreado, mais também, o desenvolvimento e dignidade para seu povo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- BUNGE, William. *Theoretical Geography*. Gleeerup. Lund, 1966.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato, **Região e Organização Espacial**. 8°. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e Temas**. 2°ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LEFÉBVRE, Henri. *Lá Production de L'Espace*. Anthoropos. Paris 1974.
- LEFÉBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- MORAES, Antônio. Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica**. 21° ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- SANTOS, Marie-Hélène Tiercelin dos. Biografia. **Milton Santos**, 2021. Disponível em: <https://miltonsantos.com.br/site/biografia/> Acesso em: 16 maio 2021.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. 9. Reimpr. São Paulo: EDUSP, 2017.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5°ed. 2°reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014a.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6°ed. 2° reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014b.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6°ed. 2°reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In: GERHARDDT, Tatiana Engel. e SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009. p. 31-42.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Cadernos geográficos 12: notas sobre epistemologia da geografia**. UFSC, Florianópolis, 2005.

ULLMAN, Edward Louis. **Geography as Spatial Interaction.** *In:* REUZAN, D;
ENGLEBERT, E. S. Internacional Linkagrđ. Berkerly, University of California Press. 1954.